

A escrita viva de João Antônio

Vima Lia Martin

Universidade de São Paulo

Palavras-chave: João Antônio, contos, marginalidade, melancolia, crítica social.

Keywords: João Antônio, short stories, marginality, melancholy, social critique.

(...) melhor escrever contos do que dizer que a vida não presta. Não?

Todos sabem que a vida não presta. Todos saberão escrever contos?

João Antônio

O conto moderno, cuja principal marca formal é justamente a multiplicidade de formas, recria, com maior ou menor grau de realismo, situações exemplares vividas pelo homem. Ou, em outros termos, opera a representação intensiva de um instante da vida emblemático de toda uma existência pessoal. Fixado pelo contista, esse momento, embora relativo a uma trajetória individual, só pode ser compreendido a partir de uma vinculação com o contexto histórico mais amplo. Nas palavras de Alfredo Bosi:

Em face da História, rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventar, de novo: descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda de percepção. Esta, acicatada pelo demônio da visão, não cessa de perscrutar situações narráveis na massa aparentemente amorfa do real. (Bosi, 1997: 7)

A compreensão de contos como «momentos singulares cheios de significação», pescados no rio da história que tudo e todos envolve, permite que se leia, nas composições narrativas do brasileiro João Antônio (1937-1996), situações representativas de movimentos históricos específicos e, numa alçada mais ampla, a fixação de impasses característicos da experiência formativa de seu país. Nunca é demais lembrar que a formação nacional do Brasil, tributária da colonização portuguesa e marcada pela escravidão dos africanos e seus descendentes, foi – e ainda é – fundamentalmente conflituosa. Num espaço em que a modernidade aportou quase sempre como imposição, fazendo do progresso um fator de exclusão, os esquemas hegemônicos de «viabilidade nacional» colidem sistematicamente com os entraves característicos do subdesenvolvimento e fazem da cidadania algo ainda a ser conquistado.

Atento a esse cenário crítico, João Antônio, em contos publicados em mais de quinze livros entre 1963 e 1996, instiga seus leitores a deixar de lado os reflexos pasteurizados produzidos pelo discurso oficial, porta-voz de uma perspectiva unívoca e homogênea sobre a história, e encarar a complexa rede de relações sociais que estrutura as camadas mais pobres da população brasileira. Nas narrativas curtas do escritor paulistano, um modo de contar cortante e ferino põe em cena personagens pertencentes a segmentos sociais marginalizados – prostitutas, cafetões, guardadores de carro, jogadores de sinuca, trabalhadores insatisfeitos e mal remunerados -, privilegiando sua dicção e sua perspectiva sobre a realidade histórica.

Da elaboração desse discurso ficcional que busca dar visibilidade às práticas e aos discursos dos dominados decorrem dois aspectos importantes. No nível da fatura dos textos, verifica-se a instauração de uma polifonia discursiva, que traz à tona as diferentes falas sociais que traduzem as contradições ideológicas vivenciadas pelas personagens e contribuem para a explicitação do universo sociocultural dos indivíduos socialmente excluídos. E, numa esfera mais ampla, é oferecido à sociedade um espelho bastante preciso, na medida em que os textos convidam os leitores a se olhar por inteiro e a se deparar com a face mais dura da realidade de que fazem parte. Essa função crítica e conscientizadora da literatura foi abordada por João Antônio em diversos depoimentos e declarações em que defendeu o texto literário como forma de intervenção social:

Para mim, o caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma. (João Antônio, 1998: 9)

Sem dúvida alguma, João Antônio demonstrava convicção sobre a importância de seu trabalho como escritor. Aliás, é essa convicção que certamente sustentou as suas

escolhas temáticas e formais. Mas, se por um lado, ele foi freqüentemente porta-voz de um discurso contestador, por outro, um certo sentimento derrotista parece nunca o ter abandonado. Foi esse sentimento que provavelmente o inspirou na composição de um universo literário agônico, onde as personagens vivem dilemas pessoais e sociais que se apresentam como insuperáveis. Interessante assinalar que, num texto publicado em 1986, sugestivamente intitulado «Ajuda-me a sofrer», João Antônio de certo modo confirma essa perspectiva melancólica – sobre si e sobre o mundo – que deixou marcas em toda a sua obra. Nesse relato, que se situa entre o diário e a ficção, o autor descreve a si mesmo da seguinte maneira:

É uma figura melancólica, vítima de seu sonho, que num dia de descanso ou tédio ou nojo, nada tem a fazer além de enviar uma carta a um amigo distante, provavelmente parecido com ele, a remexer no baú já velho. Ser reconhecido na rua, para ele, é um milagre. Ele foi editado, citado em jornais e um dia, de algum modo, meteu-se com atividades de seu tempo. O país é ágrafo e o brasileiro tem memória curta. Ninguém o convida para mais coisa nenhuma e nem o visita.

Ninguém escreve para o escritor. Provavelmente nem se lembrem dele, além dos amigos antigos vivendo no ostracismo igualmente. Não só à margem da sociedade ou fora do mundo. Mas na contramão de tudo.

E o palco do teatro, de luz negra, é o país. Uns atores principais quase sempre fora de cena. Ou participando feito figurantes reles, inoportunos e dispensáveis. (João Antônio, 1996: 95)

Ao mesclar a autocomiseração com a consciência aguda das mazelas nacionais, o escritor se vê como «vítima de seu sonho», juntando-se àqueles que, embora sejam «atores principais», não ocupam um lugar de destaque na cena brasileira. Note-se que, embora reconheça que tenha se envolvido «com atividades de seu tempo», o saldo dessa atuação é negativo para João Antônio, que se sente inoportuno e dispensável.

Combatividade e melancolia: essas parecem ser as faces complementares do discurso literário tecido por João Antônio. Se, por um lado, sua obra pautou-se por uma intensa crítica social, denunciando a marginalidade social gerada pelo modo de funcionamento do poder instituído no Brasil, por outro jamais esboçou qualquer possibilidade de superação dessa situação histórica. Constituída como impasse, a crise é marca das subjetividades das personagens e de seus destinos sempre melancólicos.

Sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*

A obra de estréia de João Antônio, intitulada *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), agrega nove contos e é considerada por parte significativa da crítica brasileira como a

melhor obra do escritor. Nessas primeiras narrativas, João Antônio atesta seu interesse pela cidade de São Paulo e por suas personagens desamparadas e solitárias. Mesmo em alguns contos posteriores, que têm como cenário a cidade do Rio de Janeiro, percebe-se uma perspectiva e uma linguagem engendradas ainda nessa fase inicial – ou de formação –, que circunscreve a elaboração dos contos que compõem seu primeiro livro e a narrativa «Paulinho Perna Torta», finalizada em 1964.

Em todos esses textos, que consolidam o estilo do escritor, a preocupação com o «conhecimento verdadeiro do homem» a ser trabalhado ficcionalmente suplanta o que poderia ser apenas um registro superficial de suas atitudes e falas. Nesse sentido, uma interessante experimentação lingüística foi exercitada pelo autor que, através da utilização de recursos como a musicalidade e a incorporação de gírias, recriou literariamente a fala espontânea das ruas.

A busca por uma linguagem crua, afinada com a expressão dos dramas populares e capaz de decifrar os problemas do homem urbano, esteve na gênese das preocupações de João Antônio, como podemos ler em carta de 1962, escrita à amiga Ilka Brunhilde Laurito, em que ele fala de sua ambição como intérprete de São Paulo:

Tenho feito sondagens e pesquisas, que talvez me levem ao entendimento do “porquê” e «como» não possuímos ainda uma literatura paulistana tão definida quanto e como a nordestina. E eu hei de descobrir o «porquê»! Alcancei algumas conclusões parciais e continuáveis – a ausência de uma linguagem paulistana, especialmente, e o desconhecimento por parte dos escritores do homem paulistano – a meu ver muito mais rico humana e espiritualmente, mais sofrido e dramático que quaisquer outros tipos brasileiros – e pelas mesmas razões, muitíssimo mais difícil e arisco e inacessível, literariamente. Homem difícil, fragmentado, prisioneiro de uma cidade de que em geral não gosta. Homem limitadíssimo, mal formado, piorado terrivelmente nesses últimos dez anos. Homem que não é covarde, mas a quem quase sempre falta coragem. Homem de transição e de solidão (repare nos bares cheios), cujo destino é desaparecer, dar lugar a um tipo mais concreto e de algum caráter¹.

Mas voltemos ao livro. Os nove contos que compõem *Malaqueta, Perus e Bacanaço* são dedicados a quatro pessoas: ao escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, referido como «pioneiro», aos literatos Paulo Rónai e Mário da Silva Brito, espécie de «padrinhos literários» que se empenharam para que o livro de João Antônio fosse publicado, e a Daniel Pedro de Andrade Ferreira, seu único filho, destinatário da dedicatória de vários outros livros do pai.

¹ Carta a Ilka Brunhilde Laurito arquivada no «Acervo João Antônio». Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP)/ Assis.

Como já apontamos, as narrativas referem-se a São Paulo em meados do século passado, em acelerada transformação social e cultural, e apresentam-se divididas em três seções: *Contos gerais*, que engloba «Busca», «Afinação da arte de chutar tampinhas» e «Fujie»; *Caserna*, com «Retalhos de fome numa tarde de G.C.» e «Natal na cafuá»; e *Sinuca*, que nomeia a última parte que contém «Frio», «Visita», «Meninão do caixote» e o próprio conto «Malagueta, Perus e Bacanaço», que dá nome ao livro.

De todo o conjunto, seis contos são narrados em primeira pessoa e apenas três em terceira. Neste último caso, o discurso indireto livre é tão utilizado que se pode afirmar que em todo o livro a realidade sociocultural da marginalidade é enfocada prioritariamente pelos olhos dos próprios marginais e também definida por suas próprias palavras. Nas histórias em que o narrador em terceira pessoa organiza a narrativa – «Retalhos de fome numa tarde de G.C.», «Frio» e «Malagueta, Perus e Bacanaço» –, seu ponto de vista se afina completamente com o dos protagonistas, favorecendo a explicitação de seus dilemas.

Há uma forte relação entre os contos de cada uma das três partes e também entre todos os contos do livro. Em termos temáticos, essa unidade é dada pela recorrência de personagens e situações marginais. Apresentando fatos rigorosamente comuns, os textos revelam o funcionamento de um segmento social em profundo conflito com as normas da civilização contemporânea. Também há um estilo geral que perpassa todas as narrativas, marcado pela objetividade e por uma dureza que confere destaque ao real, representado de maneira profundamente convincente.

Outro dado relevante relacionado à organicidade do livro diz respeito a uma espécie de trajetória delineada pelas personagens centrais das histórias. Essa trajetória se inicia com a peregrinação do protagonista em «Busca» – observe-se o sugestivo título do conto – e culmina na última narrativa, que parece (des)coroar o árido caminho percorrido pelos três malandros nomeados como Malagueta, Perus e Bacanaço. Assim, é como se todas as personagens centrais – oprimidas, angustiadas, divididas, insatisfeitas, frustradas –, fizessem parte de um mesmo percurso. Vale salientar que não há uma progressão propriamente dita nessa busca por completude: as jornadas das personagens parecem nunca chegar ao fim, renovando-se incessantemente e abrindo-se, de modo cíclico, para a continuidade de seu sofrimento.

Assim, vivendo permanentemente em crise, os protagonistas que figuram nos nove contos não adquirem nenhum conhecimento novo sobre si ou sobre o mundo depois de experienciarem suas buscas. Sejam as personagens «otários» (trabalhadores pobres), soldados ou malandros, vivem profundamente as contradições inerentes aos incômodos papéis que desempenham, equilibrando-se para sobreviver num espaço psico-social marcado pela marginalidade.

Encadeadas, as três partes do livro sugerem uma leitura que diz respeito à construção social do malandro ou, em outras palavras, uma leitura que perfaz a trajetória

do trabalho à malandragem, da norma à infração. Nas três histórias dos *Contos gerais* («gerais» porque talvez sejam representativos de uma insatisfação que diz respeito à maior parcela dos trabalhadores que compõem a população brasileira), os protagonistas perambulam pelas ruas de São Paulo em busca de sentidos que preencham o vazio de suas vidas, sem encontrar nada de concreto que possa apaziguar suas subjetividades em crise.

Já a segunda parte do livro apresenta aquilo que é oferecido – e cobrado – pelo Estado ao cidadão comum. O serviço militar obrigatório a que estão submetidos os protagonistas dos dois contos de *Caserna* é sinônimo de uma vida ainda mais permeada por carências do que a vivida fora dos quartéis. A privação, a violência e o autoritarismo são marcas claras do cotidiano de jovens que se deparam com a impossibilidade do exercício pleno da cidadania, o que parece apontar para a ausência de um projeto político-social para o país.

Interditadas as possibilidades de uma vida digna pautada pela norma, resta aos protagonistas dos últimos quatro contos do livro a irresistível atração pela malandragem relacionada ao vício do jogo. Em *Sinuca*, acompanhamos os tortuosos caminhos percorridos por indivíduos que buscam garantir sua sobrevivência através da transgressão das normas. Esse modo de vida transgressor seria uma espécie de «avesso» da conduta que o mundo da ordem insiste em valorizar sob os nomes de «progresso» e «sucesso pessoal». No submundo da malandragem, pautado por uma ética própria, apartada da idéia de bem-estar coletivo, as noções de justiça e injustiça relativizam-se, legitimando um modo de ser individualista e profundamente solitário.

Um mesmo traço unifica todos os inquietos protagonistas das nove histórias: o andar, o perambular. Os protagonistas dos contos que compõem *Busca* caminham atrás de um sentido maior para suas existências, visando à satisfação de desejos que mal conseguem formular; os jovens soldados das histórias de *Caserna* percorrem os espaços exíguos dos quartéis, como bichos enjaulados que não têm para onde ir; e os malandros presentes nas narrativas de *Sinuca* andam atrás de oportunidades para «se darem bem», driblarem a exclusão a que estão submetidos. Todas essas personagens parecem perseguir uma definição para suas próprias identidades que se encontram cindidas, esgarçadas. Nesse sentido, os protagonistas da obra de João Antônio vivem isolados num mundo esvaziado de valores qualitativos, sentindo-se profundamente perdidos e frustrados.

Melancolia e combatividade

O modo de caracterização das personagens que figuram em *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, o andamento do enredo dos contos, bem como a lógica que preside a ordenação das histórias no livro – que sugere um percurso que conduz as personagens da

norma à infração – leva-nos a considerar a questão da melancolia. Estudada desde a Antiguidade, a melancolia (do grego, «bile negra») tem sido objeto da reflexão de médicos, filósofos e escritores e fundamentado uma forte tradição pictórica e literária que a tematizou de diversas maneiras. A gravura do renascentista alemão Albrecht Dürer, *Melencolia I* (1514), é um bom exemplo de representação artística que tem instigado e desafiado inúmeros leitores através dos tempos.

Modernamente, o célebre estudo de Sigmund Freud, «Luto e melancolia», publicado em 1917, constituiu um marco decisivo para a compreensão da condição psíquica dos indivíduos melancólicos. Segundo a perspectiva freudiana,

a melancolia se caracteriza psicologicamente por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de auto-estima, que se expressa em auto-recriminações e auto-insultos, chegando até a expectativa delirante de punição. [...] o luto revela os mesmo traços, exceto um: falta nele a perturbação do sentimento de auto-estima. No resto é a mesma coisa. (Freud, 1992: 131)

O desânimo, o desinteresse, incapacidade de amar, a inação e a baixa auto-estima são características que, em maior ou menor grau, podem ser atribuídas aos protagonistas dos contos de João Antônio. Sua melancolia, marcada pela resignação e pela paralisção do agir, relaciona-se diretamente a uma condição social que pode ser concebida como «alienada». Refletindo sobre as formas de alienação nas sociedades modernas ou capitalistas, Marilena Chauí afirma que ela é

o desconhecimento das condições histórico-sociais concretas em que vivemos e que são produzidas pela ação humana também sob o peso de outras condições históricas anteriores e determinadas. Há uma dupla alienação: por um lado, os homens não se reconhecem como agentes e autores da vida social com suas instituições, mas, por outro lado e ao mesmo tempo, julgam-se indivíduos plenamente livres, capazes de mudar a própria vida como e quando quiserem, apesar das instituições sociais e das condições históricas. No primeiro caso, não percebem que *instituem* a sociedade; no segundo caso, ignoram que a sociedade *instituída* determina seus pensamentos e ações. (Chauí, 2003: 173)

Considerando as condutas dos «otários» e dos malandros que figuram nas narrativas de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, podemos aproximá-las das duas posturas alienadas apontadas pela autora. As personagens centrais das primeiras histórias do livro apresentam um atitude mais passiva, que expressa a impossibilidade de atuar ou interferir em seus próprios destinos. Já os malandros que protagonizam principalmente a última história aspiram, de certo modo, à onipotência característica daqueles que julgam que, por sua própria vontade e inteligência, podem mais que a realidade que os condiciona. De qual-

quer modo, em ambos os casos a sociedade é o «outro» (do latim, *alienus*), e o homem alienado, que não é capaz de interagir dialeticamente com ela, sofre de melancolia.

Ao traduzir os impasses vividos por aqueles que teimam em se equilibrar nas franjas do sistema, João Antônio afirma uma perspectiva profundamente melancólica sobre a realidade nacional brasileira, ela também fundada em impasses. A ênfase negativa que o escritor imprime às conseqüências da transgressão – desidealizando-a e potencializando o seu prejuízo para os malandros que dela dependem para sobreviver –, presentifica a violência, a exclusão e o autoritarismo constitutivos da experiência histórica brasileira.

A relação entre história e melancolia esteve no centro das reflexões desenvolvidas por Walter Benjamin. Em sua nona tese enunciada em «Sobre o conceito da história», ele descreve a terrível visão do anjo que figura num quadro de Paul Klee chamado *Angelus Novus*. O anjo representado por Klee é comparado ao «anjo da história» que observa, aterrorizado, as ruínas que constituem o passado histórico da humanidade, construído a partir do triunfo dos poderosos:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (Benjamin, 1993: 226)

A noção de história como catástrofe e de bens culturais como «despojos» foram caras ao filósofo alemão, que escreve em sua sétima tese «Sobre o conceito da história»: «nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie» (Benjamin, 1993: 225). Essa perspectiva fatalista, que flagra a dimensão decadente da tradição e afirma a impossibilidade de transformação dos destinos do homem parece sustentar a elaboração de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. Como já alertamos, a tessitura de cada conto e a organização do livro como um todo não deixam dúvidas em relação à permanência futura do drama vivido pelas personagens.

O projeto literário engendrado por João Antônio ganha ainda mais clareza e força se considerarmos que ele mesmo talvez tenha sido um ser melancólico. Mas sua melancolia, longe de se relacionar à passividade atribuída ao estado patológico explicitado por Freud, aproximar-se-ia de uma postura lúcida e crítica diante da realidade. Se, pessoalmente, João Antônio era melancólico – e a leitura de sua correspondência e de seus textos claramente autobiográficos dá bem a dimensão de seu desencanto consigo

mesmo e com o mundo -, sua melancolia encerrava uma grande generosidade, marcada por uma profunda identificação com o drama dos marginalizados.

Nesse sentido, o antídoto encontrado por ele para combater a própria melancolia parece ter sido justamente a escritura de uma literatura que articula melancolia e combatividade. Em sua obra, o tédio, a alienação e a frustração experimentados pelas personagens marginalizadas colocam-se em função de uma crítica social contundente que, no limite, contesta o próprio projeto de civilização que foi levado a cabo no Brasil.

Sempre atento às iniquidades e às injustiças e imerso num contexto mediado por relações interesseiras, João Antônio parece sentir-se condenado à solidão e à incomunicabilidade. E é justamente essa condição marcada pela precariedade que o impele à resistência, à luta com as palavras. Daí que ele tenha manifestado toda a sua perplexidade através de uma literatura viva, pungente, capaz de expressar desconfiança diante do discurso histórico oficial e de problematizar as formas de alienação no mundo contemporâneo.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter (1993). «Sobre o conceito da História». In *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- BOSI, Alfredo (1997). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix.
- CHAUÍ, Marilena (2003). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- FREUD, Sigmund (1992). «Luto e melancolia». *Revista Novos Estudos* 32, 128-142.
- JOÃO ANTÔNIO (1996). *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria.
- (2004). *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: CosacNaify.
- (1998). «Para mim o leitor é um parceiro que eu vou procurar». Entrevista de João Antônio publicada como prefácio à edição do conto «Malagueta, Perus e Bacanaço». São Paulo: Ática.

Resumo: O trabalho focaliza a obra de João Antônio que, através dos seus contos, ficcionaliza os impasses que constituem a formação nacional brasileira e apresenta uma visão melancólica da realidade. Seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, objeto de nossa leitura, expressa com sensibilidade as aflições e os anseios daqueles que ocuparam – e ainda ocupam – um lugar socialmente à margem.

Abstract: In this paper we comment on the literary works by the Brazilian author João Antônio. His short stories fictionalize the national deadlock and present a melancholy view of reality. The book *Malagueta, Perus e Bacanaço* expresses the sufferings and yearnings of those who have been socially marginalized.